

Estudo de Bacha dá receita sem choque

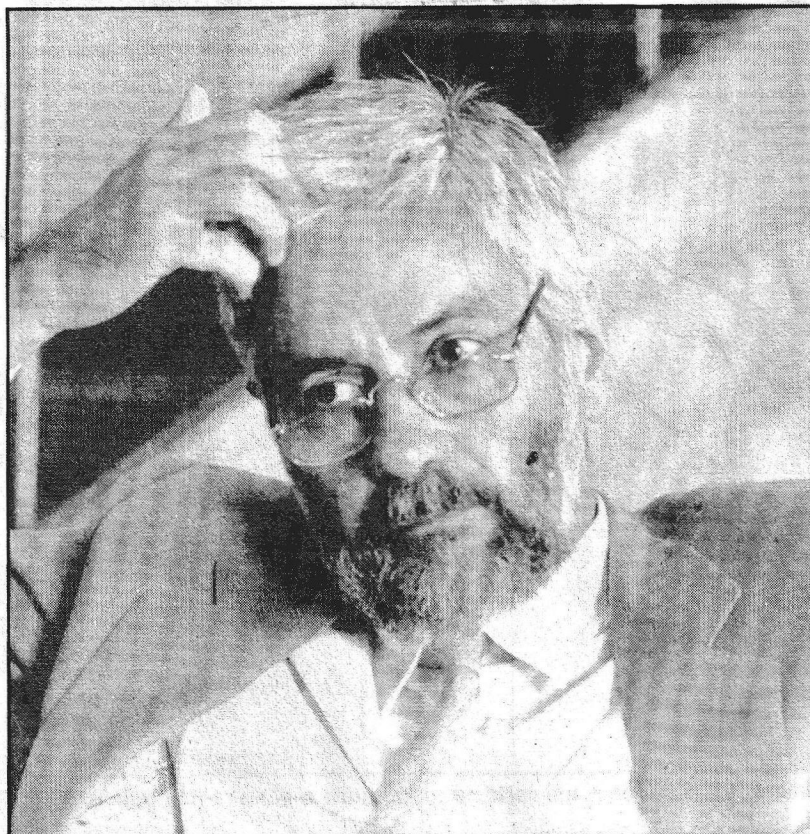
JOSÉ NEGREIROS

BRASÍLIA — “Não basta um ‘truque cambial’, que restabeleça a confiança na moeda, para reduzir a inflação” afirma o chefe da assessoria especial do ministro da Fazenda, Edmar Bacha. “O Governo federal tem que eliminar boa parte de suas atribuições”, diz. E acrescenta: “O que nos leva a um ponto já consensual: o fim da superinflação brasileira é um problema essencialmente político”.

Com essa conclusão, num texto de 16 páginas, acompanhado de três gráficos complexos — um deles sobre déficit (d), inflação (p) e o imposto inflacionário (m), mostrando como estão vinculados — é como se Bacha registrasse em cartório que deixará a equipe econômica caso seja voto vencido diante de uma opção pelo choque. Escrito num estilo hermético de acadêmico, “Políticas de Estabilização em Países em Desenvolvimento: Notas Sobre o Caso Brasileiro” é a síntese da reviravolta no pensamento da maioria dos “pais do Cruzado”.

“A necessidade de um corte profundo, que caracterize uma mudança revolucionária do regime fiscal brasileiro, deriva-se do fato de que o atual processo inflacionário tende a gerar uma inflação cada vez maior ao longo do tempo” afirma o professor da PUC-Rio nas páginas 12 e 13. Nesse processo, “observa-se uma taxa de inflação progressivamente mais elevada desde meados da década de oitenta, exceto pelas paradas temporárias impostas pelos sucessivos planos de estabilização”.

Datado de junho, um mês depois de Bacha voltar ao Governo, o estudo está circulando em áreas restritas, como a comuni-



Bacha: “Governo federal tem que eliminar boa parte de suas atribuições”

dade econômica e altos funcionários do Executivo. Segundo seu trecho final — “Alguns Resultados” —, a grande dificuldade do Brasil para derrubar a inflação reside na negociação política, pois desta vez o plano de estabilização teria que realizar “cortes para valer” no orçamento. “Ou seja, eliminar permanentemente unidades de despesa e transferir os ganhos daí advindos para as unidades de despesa que permanecerão no Governo”.

Como se fosse um economista ordoxo, adversário de choques, Bacha não avança cinco linhas sem repetir que a solução da crise fiscal não será obtida sem uma revisão profunda da estrutura do gasto fiscal.

Um dos gráficos

